

TRABALHO

Queda na renda familiar, provocada pela perda de empregos das pessoas mais velhas, leva jovens que deveriam estar estudando a procurar vagas em um mercado cada vez mais exigente

Juventude desempregada

Luciana Vieira de Sousa
Da equipe do **Correio**

A queda na renda dos trabalhadores e a perda de emprego pelos chefes de família estão levando mais jovens a buscar uma vaga no mercado. É o que mostra pesquisa divulgada pelo Departamento Inter-sindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) e pela Secretaria do Trabalho do Governo do Distrito Federal referente a dezembro de 2002. Segundo o levantamento, o número de jovens fora do mercado aumentou de 31,2% em dezembro de 2001 para 32,2%. Em todo o Distrito Federal existem 96,8 mil com idade entre 16 e 24 anos (metade do total). Se entre os jovens houve aumento no desemprego, no total há estabilidade com taxa de 19,8% (leia texto abaixo).

De acordo com a coordenadora da pesquisa, Graça Ohana, os jovens estão trabalhando mais cedo para ajudar nas despesas de casa. Na maioria das vezes, são pessoas de renda mais baixa. O estudante Osmir da Silva, 16 anos, é um exemplo. A mãe dele, Antônia Rosário da Silva, 37 anos, que trabalha como diarista, perdeu dois clientes em dezembro e teve o salário mensal reduzido de R\$ 480 para R\$ 240. Já o padraço ficou desempregado no início de janeiro. A saída encontrada pelo rapaz foi procurar trabalho. Na manhã de ontem, ele, que é o filho mais velho de quatro irmãos, foi à uma agência pública de emprego se cadastrar e tentar a sorte. "Gostaria de conseguir um serviço como office-boy ou auxiliar administrativo", disse o estudante do primeiro ano do Ensino Médio, que mora em Planaltina. Há pouco tempo, Silva planejava trabalhar quando terminasse o terceiro ano.

De acordo com o Dieese, a maior parte dos jovens desempregados (leia quadro ao lado) tem 2º grau incompleto. Márcia Garcia, diretora de Recursos Humanos da Labor Consultoria, afirma que esse perfil está longe dos padrões de exigência das grandes empresas. Segundo ela, nos últimos dois anos o setor privado deu preferência aos jovens universitários mesmo para empregos que não exijam tantos conhecimentos específicos como de recepcionista e secretária. "O mercado quer profissionais mais bem informados e que tenham perspectiva de desenvolver carreira. Geralmente quem tem 2º Grau, está em vista apenas de um emprego para receber salário", diz. A Labor atende mais de 50 empresas de Brasília em diferentes áreas. A consultoria cadastra diariamente 70 pessoas e coloca no mercado de trabalho aproximadamente 100 profissionais.

Na avaliação do Secretário de Trabalho da Prefeitura de São Paulo, Márcio Pochmann, os jovens nunca viveram uma crise tão grave. "Eles estão concorrendo com pessoas mais velhas e experientes que se sujeitam a receber salários menores destinados aos jovens e as empresas acabam escolhendo um trabalhador mais qualificado para desempenhar um trabalho simples", afirma.

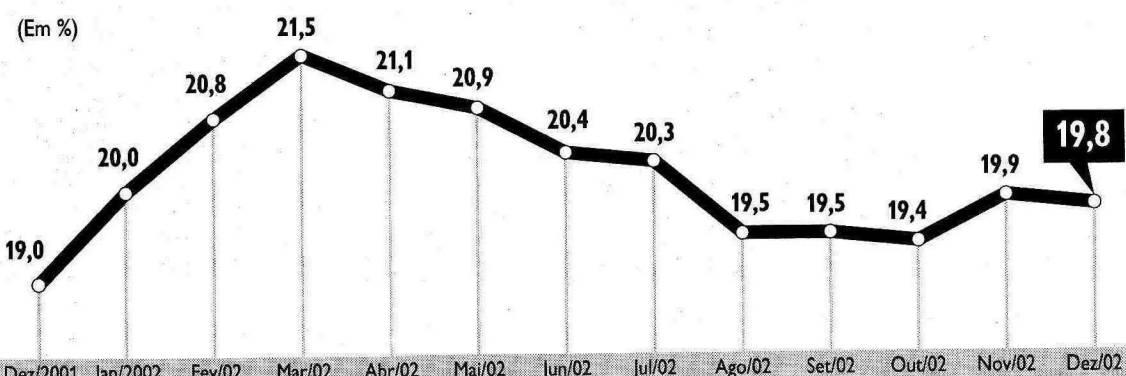
Uma reclamação constante dos jovens é a exigência de experiência. Para amenizar esse problema, a Secretaria de Trabalho do Governo do Distrito Federal vai lançar no início de março o programa Jovem Trabalhador. No próximo mês devem ser beneficiadas 500 pessoas entre 16 e 24 anos. O governo pagará um salário mínimo para as empresas que os empregarem e elas bancarão os encargos sociais. Até o final do ano, a Secretaria de Trabalho espera atender 10 mil jovens, desde que estejam regularmente matriculados em uma escola.

DESEMPREGO NO DF

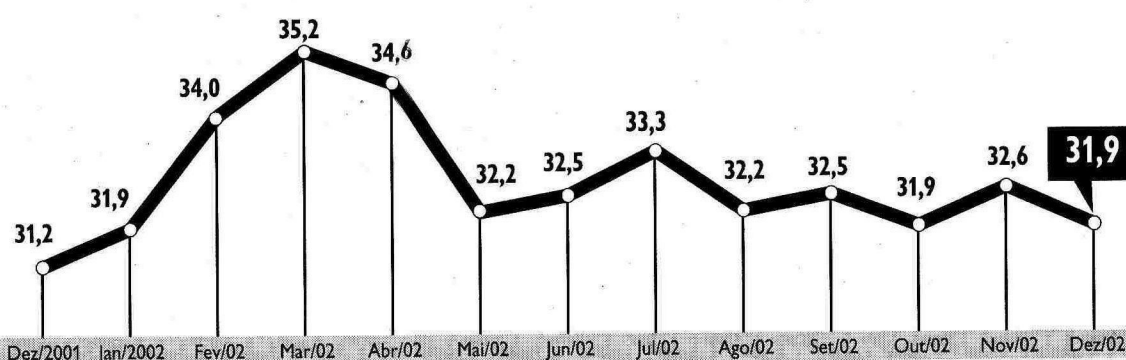
Total de desempregados
190,4 mil

Jovens desempregados
96,8 mil

Índice de desemprego no Distrito Federal



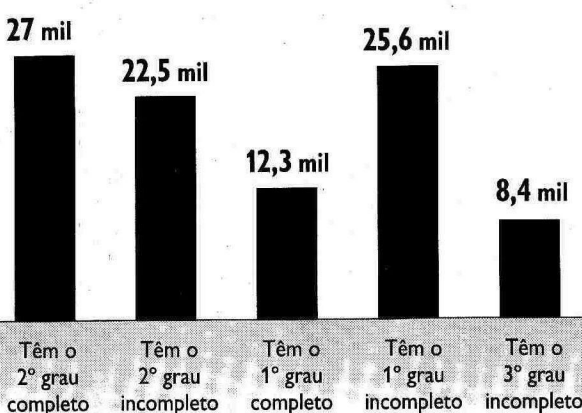
Índice de desemprego entre os jovens (Em %)



Perfil dos jovens desempregados

Quem são os 96,8 mil jovens entre 16 e 24 anos que estão desempregados

• Escolaridade



• Classe social

Os jovens de classe social mais baixa procuram trabalho por aproximadamente **12 meses**. As pessoas que moram em Brasília, Lago Sul e Lago Norte demoram **9 meses** para conseguir emprego

Fontes: Dieese e Secretaria do Trabalho do Distrito Federal

(a) - 18 a 24 anos

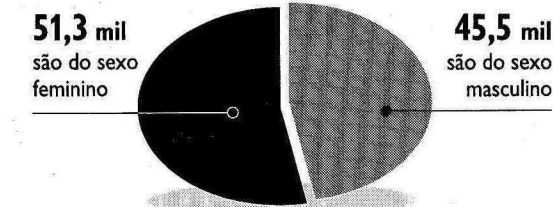
Arte: Joelson Miranda

• Residência

51,5 mil deles moram nas seguintes cidades do DF



• Sexo



Estabilidade nos últimos meses

O nível de desemprego no Distrito Federal se manteve estável, com uma leve tendência de queda verificada nos últimos meses de 2002. Dessa forma, acompanhou o que está acontecendo em todo o país. Segundo a pesquisa, em novembro do ano passado, 19,9% da população economicamente ativa estava fora do mercado de trabalho. Em dezembro, esse índice apresentou queda de 0,05%, passando para 19,8%, o equivalente a 190.400 pessoas, uma redução de três mil trabalhadores.

Nos últimos 12 meses, a taxa de desemprego total cresceu 4,2% com a inclusão de 15,6 mil pessoas neste grupo. De acordo com a Secretaria de Trabalho, a redução dos níveis de rendimento contribuiu para o aumento da procura de emprego. Quanto ao rendimento, foram verificados a redução de salários médios em

todos os setores analisados. A área que apresentou maior redução foi a de serviços (4,2%), seguida pela administração pública (3,6%) e o comércio (3,15%).

Além disso, mais chefes de família ficaram desempregados. Em novembro, foram 42,8 mil. No mês seguinte, esse número aumentou para 44,1 mil. A mesma linha é válida para as pessoas com idade acima de 40 anos. No último mês do ano passado, 27,9 mil estavam sem emprego.

Os setores que mais empregaram no período foram o comércio

(3,9 mil novas vagas), a administração pública (2,6 mil) e a construção civil (1,5 mil). O desempenho dessas áreas, no en-

tanto, não foi suficiente para compensar a eliminação de vagas no setor de serviços (-2,5%) e na indústria da transformação (-6%).

O salário pago às mulheres foi 30% inferior ao dos homens e nos últimos 12 meses, o remuneração delas baixou 2,2%. A redução dos vencimentos dos trabalhadores do sexo masculino foi de 1,2%. A diferença entre homens e mulheres também segue no desemprego. Em dezembro, foram registradas 107,3 mil mulheres sem serviço. No caso dos homens, foram 94,6 mil.

Os maiores índices de desemprego foram registrados entre as pessoas com menor grau de escolaridade. Do total, 60,1 mil têm segundo grau incompleto e 55,2 mil concluíram o ensino médio. Há 7,3 mil trabalhadores com nível superior fora do mercado de trabalho. (L.V.S.)

CAMPANHA EMERGENCIAL

A Força Sindical e a CGT (Central Geral dos Trabalhadores) reúnem-se hoje para tentar fechar uma pauta conjunta de campanha salarial de emergência. O objetivo é conseguir aumento salarial para categorias que tiveram base no segundo semestre de 2002, como metalúrgicos, químicos, comerciantes, condutores, têxteis, alimentação, padeiros e frentistas. Se de fato acontecer, será a primeira campanha do tipo em oito anos. A estimativa da central é de que as perdas nos últimos quatro meses chegaram a 10%, por causa da inflação alta. A ação conjunta pode outras centrais sindicais. O presidente da Força, Paulo Pereira da Silva, o Paulinho, deve se encontrar nesta semana com a direção da CUT (Central Única dos Trabalhadores) para tratar do assunto.